

O CAMINHAR COMO ELEMENTO DE PERCEÇÃO DO ESPAÇO URBANO

usos e apreensões em uma rua do Centro de João Pessoa-PB

José Alberto Conceição de Araújo¹
Alessandra Soares de Moura²

Resumo

Este trabalho foi desenvolvido no âmbito da disciplina de Estágio Supervisionado I, do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPB, e tem como ponto de partida a relação entre produção do espaço urbano e pessoas, assim, analisa o ato de caminhar enquanto forma de percepção e intervenção urbana em uma rua do Centro de João Pessoa-PB. Apoiando-se em autores como Careri (2017), entende-se que o caminhar não é uma construção física do espaço, mas um fator condicionante para sua transformação. Objetiva-se nesta pesquisa analisar a percepção do meio urbano pelos pedestres. Partindo desses pressupostos, trabalha-se com perspectivas relacionadas às práticas socioespaciais enquanto mediadoras das múltiplas formas de utilização e apropriação do espaço público, subjacentes ao ato de caminhar. Ao longo do estudo, verifica-se quais pessoas frequentam a rua em questão, que percepções usos e apropriações se desenvolvem, quais são os microespaços constituídos e como eles condicionam o ato de caminhar.

Palavras-chave: percepção do espaço, pessoas, narrativas, práticas urbanas.

THE WALK AS AN ELEMENT OF PERCEPTION OF URBAN SPACE

uses and seizures in a street of downtown João Pessoa-PB

Abstract

This work was developed within the scope of Supervised Internship I, in the UFPB Architecture and Urbanism course, and has as its starting point the relationship between urban space production and people, thus, it analyzes the act of walking as a form of perception and urban intervention in a street of downtown João Pessoa-PB. Based on authors as Careri (2017), it is understood that walking is not a physical construction in space, but a conditioned factor for its transformation. This research aims to analyze the perception of the urban environment by pedestrians. Based on

¹ Graduado em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba (2012). Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela UFPB (2020). Membro do Laboratório de Estudos sobre Cidades, Culturas Contemporâneas e Urbanidades-LECCUR/DA/CT/ UFPB e integrante do Grupo de Pesquisa: Cidade, Cultura Contemporânea e Urbanidade. araujoalberto.arq@gmail.com.

² Doutoranda pelo programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação de Arquitetura e Urbanismo da UFPB (2014). Membro do Laboratório de Estudos sobre Cidades, Culturas Contemporâneas e Urbanidades-LECCUR/DA/CT/ UFPB e integrante do Grupo de Pesquisa: Cidade, Cultura Contemporânea e Urbanidade. alearquimoura@gmail.com.

these assumptions, we work with perspectives related to socio-spatial practices as mediators of the multiple forms of use and appropriation of public space, underlying the act of walking. Throughout the study, it is verified which people frequent the street in question, which perceptions, uses and appropriations develop, what are the constituted micro spaces and how they condition the act of walking.

Keywords: space perception, people, narratives, urban practices.

Introdução

Refletir sobre o meio urbano é de extrema importância na construção de melhores cidades. Nesse processo, é preciso lançar um olhar investigativo acerca da vida urbana e de como as pessoas interagem no espaço, pois elas são os principais agentes das relações que condicionam as cidades contemporâneas.

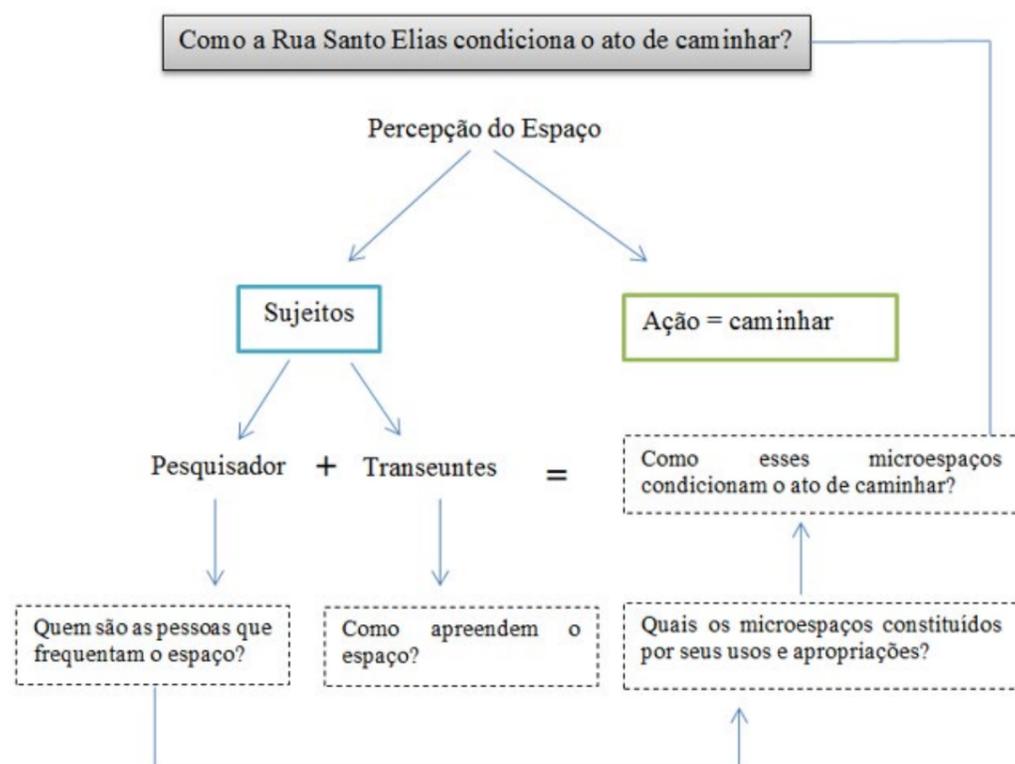
A rua, enquanto espaço público é um importante suporte de apropriações e sociabilidades, desse modo, sua relação com a cidade evidencia a experiência urbana. Tê-la como objeto de estudo nos direciona a diversas abordagens, principalmente inerentes à construção da paisagem, podendo ser feitas diversas análises a seu respeito, desde questões morfológicas, relação entre público e privado, vazios e ambientes construídos ou, até mesmo, as cores, cheiros e sua ambiência. Neste trabalho, de modo específico, detém-se o foco na relação estabelecida entre as pessoas que caminham e o espaço.

Entende-se que o caminhar — embora seja uma ação trivial e inerente à prática de viver a cidade, que ocorre individualmente — representa uma experiência social e coletiva, por isso, ele é tão importante, pois influencia na *produção social da cidade*³. Partindo desta concepção, a análise proposta aqui não é centrada em uma abordagem do caminhar como simples deslocamento pela cidade, mas como uma ação composta de dois elementos: o caminhante e o meio. Busca-se, através da relação entre esses dois, verificar como o espaço é percebido, vivenciado e apreendido. Justifica-se, portanto, uma abordagem centrada na percepção e construção da cidade.

Assim, a presente pesquisa tem como foco o pedestre, o cidadão a pé, como protagonista na transformação do lugar e, a partir dele, discutir questões envolvendo a percepção do espaço promovida pela caminhada. De modo mais específico, espera-se, por meio desta pesquisa, entender quem são os atores que frequentam/circulam a rua e quais são suas percepções do espaço urbano em questão. Também faz parte do estudo a busca por compreender quais são os microespaços constituídos pelos usos desses transeuntes ao longo do recorte espacial previamente estabelecido e como esses microespaços condicionam o ato de caminhar. No esquema a seguir, apresenta-se de modo elucidado a problemática suscitada e abordagem analítica utilizada.

Partindo da premissa de que a experiência urbana pode ser analisada a partir do simples ato de caminhar (Cf. JACQUES, 2006; 2012), encontra-se na etnografia uma ferramenta metodológica bastante pertinente para análise e reflexão das diferentes situações e movimentos que se desenvolvem na rua. Neste sentido, evidencia-se neste trabalho as narrativas urbanas e, a partir delas, a reflexão sobre questões

³ A noção de espaço urbano como *produto social* deve-se, sobretudo, aos estudos teóricos desenvolvidos por Henri Lefebvre (1974). Apesar disso, o uso da terminologia *produção social da cidade* utilizada aqui está em consonância com o trabalho de Gomes (2016), que aborda a cidade e os processos dinâmicos de produção social do espaço através do uso caminhado.



envolvendo o mapeamento dos lugares do ponto de vista dos seus usuários, bem como a representação de percursos através de imagens e textos gráficos que testemunhem as suas experiências e modos de apreender o referido espaço. Consideram-se aqui dois elementos que se inter-relacionam: o sujeito e a ação de caminhar. As respostas para o problema suscitado surgem a partir de duas visões inerentes e complementares entre si: a do pesquisador e a dos transeuntes. Apesar disso, apenas com cruzamento de tais narrativas ainda não é suficiente a compreensão de um ambiente tão diversificado. Portanto, para elucidar o tema em questão, ao longo do trabalho, toma-se como aportes teóricos os estudos de Careri (2016), Certeau (1998), Jacques (2006 e 2012), Magnani (1993 e 2002), entre outros autores relacionados à temática abordada. A retomada por esses estudos permite além de um breve levantamento bibliográfico, a ênfase em discussões pertinentes.

Caracterizando-se como uma pesquisa quali-quantitativa de base empírica, com foco na etnografia urbana, o *lôcus* de estudo compreende a Rua Santo Elias, situada no Centro da cidade de João Pessoa-PB e o *corpus* é constituído pela análise e reflexão de entrevistas e a compilação dos resultados de questionário semiestruturado com usuários recorrentes no espaço público.

O presente estudo desenvolve-se em oito partes, complementares entre si. No primeiro tópico, apresentado anteriormente, introduz-se a problemática suscitada, a justificativa para tal abordagem e os objetivos pretendidos, bem como algumas considerações pertinentes à pesquisa que se propõe. No segundo tópico (O caminhar), coloca-se em pauta uma reflexão teórica, abordando as diferentes dimensões que afetam no processo de caminhar (n)a cidade. Neste momento, também são levantadas algumas possibilidades de práticas e experiências associadas ao caminhar, bem como uma breve revisão bibliográfica acerca da temática abordada. No terceiro tópico, expõe-se a proposta metodológica utilizada e as etapas da pesquisa. No tópico 4 é delimitado o recorte espacial e são levantadas algumas questões acerca do modo como a rua

influencia na percepção do espaço. No tópico 5 evidenciam-se as características do objeto empírico, dos procedimentos e das observações de campo, bem como as categorias analíticas selecionadas e análise dos resultados da aplicação dos questionários. Em último momento, apresentam-se algumas considerações, anseios e perspectivas obtidas ao longo da pesquisa.

O caminhar

O caminhar nos direciona a um conceito plural, podendo remeter a atitudes e experiências, à maneira como se desloca, desencadeando assim percursos e diferentes vivências, dentre elas, a percepção ou a não percepção do espaço. Nessa dinâmica, é intrínseca a relação entre o corpo do caminhante e o espaço, de modo que, “as relações entre os corpos humanos no espaço é que determinam suas reações mútuas, como se veem e se ouvem, como se tocam ou se distanciam” (Cf. SENETT, 2008, p. 17). Para Jacques (2012), corpo e cidade se relacionam através da simples experiência urbana, com isso, “a cidade é experimentada pelo corpo como conjunto de condições interativas”.

A partir de cada experiência, a cidade pode ser percebida por meio da junção entre o tipo de caminhada, a construção sociocultural dos indivíduos e o que o ambiente urbano oferece. Trata-se de uma ação dinâmica que implica diferentes concepções e modos de ver e apreender.

Embora seja uma prática universal, o caminhar, ao longo do tempo ganhou diferentes abordagens: como prática dialógica (CERTEAU, 1998), como forma de intervenção urbana, prática estética (CARERI, 2002; 2015), entre outras. No que diz respeito ao trabalho de arquitetos e urbanistas, destaca-se o trabalho de Kevin Lynch⁴ sobre a percepção da forma urbana, a partir da tríade espaço público, rua e indivíduo. Somente a partir do século XX é que surgem estudos de planejamento com foco no pedestre, a exemplo de Gehl (2010), sobre as transformações de Copenhague.

Por outro lado, para as ciências sociais e humanas o caminhar sempre foi foco de diversos autores, sobretudo, como fruto das narrativas de uma modernidade emergente. Nesta acepção, destacam-se Guy Debord e a Internacional Situacionista, com a teoria da deriva e a psicogeografia do caminhar; Walter Benjamin, sobre a figura do *flâneur*, baseado em Charles Baudelaire e há ainda os estudos de Michel de Certeau (1998). Todos eles têm como ponto incomum um sujeito que caminha e percebe o espaço a partir de sua prática.

Além destas, ainda existem outras abordagens, ora centradas em explorações artísticas — como é o caso de Careri (2002 e 2015) e o grupo Stalker/Observatório Nômade — ora enquanto experiência sensorial, a partir da teoria situacionista. Há também propostas metodológicas etnográficas urbanas, com um caráter mais antropológico, focadas no registro de significados e memórias do caminhar, a exemplo de Magnani (1993 e 2002) e pesquisas associadas à psicologia ambiental e à ambiência urbana. Neste último caso, o caminhar é abordado a partir de uma perspectiva sensorial e perceptiva da cidade, como sugerem os estudos de Jean-Paul Thibaud, Rachel Tomas e demais trabalhos desempenhados pelo Cresson-CNRS⁵.

4 Cf. Lynch, Kevin (1997). A imagem da cidade.

5 O CRESSON (centro de pesquisa sobre o espaço sonoro e o ambiente urbano) é uma equipe de pesquisa arquitetônica e urbana, fundada em 1979, na Escola Nacional de Arquitetura de Grenoble, na França. Toda a sua pesquisa é baseada em métodos multidisciplinares entre arquitetura, ciências humanas e sociais e ciências da engenharia. O referido laboratório implementa experimentos que questio-

Conforme fora explicitado anteriormente, Certeau (1998) analisa o caminhar enquanto prática dialógica, portanto, faz um paralelismo com o ato de fala. Além disso, o autor ainda traz duas perspectivas de se ver a cidade: vista de cima (a cidade teórica) e a *cidade ao nível dos pés* (a cidade praticada). No cerne da cidade praticada encontram-se a rua, os edifícios que a compõem, o movimento e as pessoas. Nessa perspectiva, os principais agentes são os caminhantes.

Os praticantes da cidade caminham-na, percorrem espaços mais abertos, mais vazios, sem nunca ver o todo. As linhas escritas por cada percurso percorrido geram uma malha entrecruzada, múltiplas histórias que se sobrepõem, compondo a cidade praticada (CERTEAU, 1998, p. 171).

Para Certeau (1998), “o andar com os pés na cidade” recorta “espaços de enunciação”, ou seja, caminhos que se entrecruzam, criando novos espaços e unindo lugares. Esta abordagem também dialoga com a perspectiva antropológica, uma vez que, é a partir deste *andar*, que se obtém um desenho singular que se sobrepõe ao desenho oficial da cidade, “às vezes rompe com ele, outras vezes o segue, outras ainda não tem alternativa senão adequar-se” (Magnani, 1993, p. 13). A apropriação do espaço traduz a maneira como ele é ocupado, seja por objetos, atividades, indivíduos ou grupos. Neste sentido, Magnani (1993) postula que a cidade pode ser apreciada sob a ótica daqueles que nela vivem e dela se apropriam.

Entende-se que o caminhar não é construção física do espaço, mas implica diretamente na transformação do mesmo (Cf. CARERI, 2016). Tal pressuposto configura-se como uma abordagem bastante pertinente, pois tem como aporte as relações que envolvem os contextos urbanos e como elas permitem a compreensão da cidade a partir das interações entre pessoas e espaços públicos. De acordo com o arquiteto e autor,

O caminhar revela-se um instrumento que, precisamente pela sua intrínseca característica de simultânea leitura e escrita do espaço, se presta a escutar e interagir na variabilidade desses espaços, a intervir no seu contínuo devir com uma ação sobre o campo, no aqui e agora das transformações, compartilhando desde dentro as mutações daqueles espaços que põem em crise o projeto contemporâneo (CARERI, 2013, p. 32-33) [Grifo Nosso].

Partindo de tais considerações, compreende-se que o caminhar se revela útil à arquitetura, podendo funcionar como instrumento de investigação urbana e sensibilidade às transformações contemporâneas, contribuindo assim, para a produção do espaço urbano, e também na produção social do espaço da cidade.

Há ainda uma abordagem mais subjetiva e menos técnica, como é o caso do *urbanista errante*, fruto da influência obtida pela Internacional Situacionista. A partir dela questionam-se os métodos dominantes da disciplina urbanística e ele, o “urbanista errante”, “não vê a cidade somente de cima, em uma representação do tipo mapa, mas a experimenta de dentro, sem necessariamente produzir uma representação qualquer desta experiência” (JACQUES, 2006, p.118).

nam os processos de projeto arquitetônico e urbano em todas as suas escalas (dispositivo, arquitetura, espaço urbano, paisagem, território). Atualmente, os trabalhos desenvolvidos se debruçam sobre as questões sociais, ecológicas, estéticas, numéricas, políticas e éticas das atmosferas. Fonte: <http://aau.archi.fr/cresson/>. Tradução nossa.

Caminhabilidade

Por outro lado, a Caminhabilidade (tradução do termo em inglês *Walkability*) é uma medida quantitativa e qualitativa para aferir quanto uma área é apropriada para o caminhar. Trata-se de um conceito recente e que leva em conta, principalmente, a acessibilidade no ambiente urbano. É um indicador de caráter técnico bastante eficiente para medir a facilidade que as pessoas têm de se deslocar na cidade e, conseqüentemente, a qualidade de vida no meio urbano. A partir de um cálculo com base em diferentes fatores é estabelecido um índice, que quantifica diretamente a predisposição que as pessoas têm ou teriam para caminhar em determinados locais. Atualmente, existem diversos métodos para aferição deste índice: walkscore, Q-polos, IAAPE e análise da Caminhabilidade com base em critérios pré-definidos. Todos eles podem ser utilizados em diferentes escalas da cidade.

Para fins de análise tais métodos tomam como base a observação e mensuração de diferentes parâmetros como: aglomeração de pessoas, fluxos, mobiliário urbano, sinalização, facilidade de travessias, arborização, iluminação, proteção contra intempéries, tipo de piso e, inclusive, topografia.

Etapas e metodologia

Conforme instaurado no início deste trabalho, esta pesquisa se detém sobre os aspectos da percepção do espaço urbano a partir da caminhada e a classificação de microespaços dentro de uma rua. Assim, é a partir da etnografia urbana que se instaura a abordagem metodológica utilizada, dividida em dois tipos de visita *in loco*: 1ª *Observação*; 2ª *Observação + contato direto com as pessoas*.

Em primeiro momento foram feitas três caminhadas de caráter observatório, em diferentes horários, a fim de se obter uma básica compreensão do espaço a ser analisado. Nestas caminhadas evitou-se o contato direto com as pessoas, de modo que o objetivo era apenas a observação e fotografia do local. Em segundo momento, estabeleceu-se uma abordagem direta às pessoas no local, ora entrevistando-as

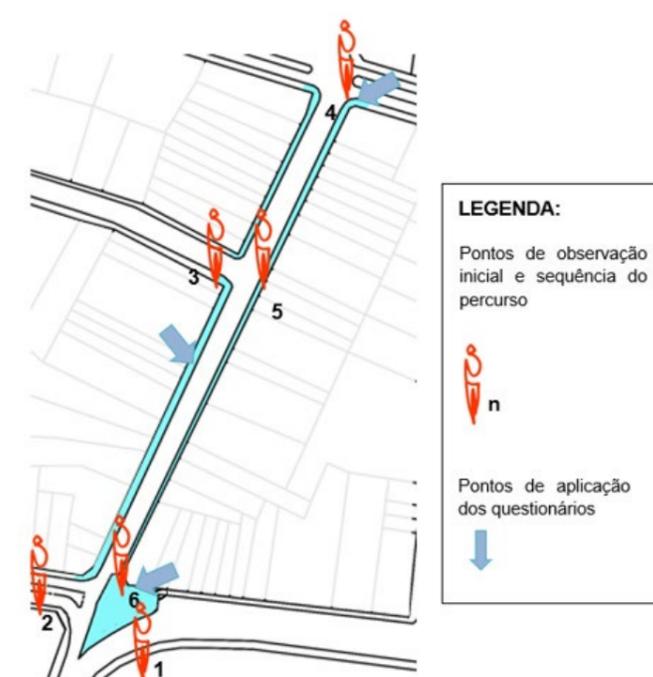


Figura 2: Demarcação dos pontos de observação e contato com os pedestres. Fonte: dos autores, 2018.

de maneira informal ora aplicando um questionário semiestruturado. Os dados dos questionários foram compilados e, a partir deles, elaborados gráficos que evidenciam a percepção do local com base em uma amostra de 70 pessoas. No terceiro momento, foram feitas mais duas visitas a fim de coletar mais fotografias e confirmar os dados previamente obtidos a partir da análise efetuada.

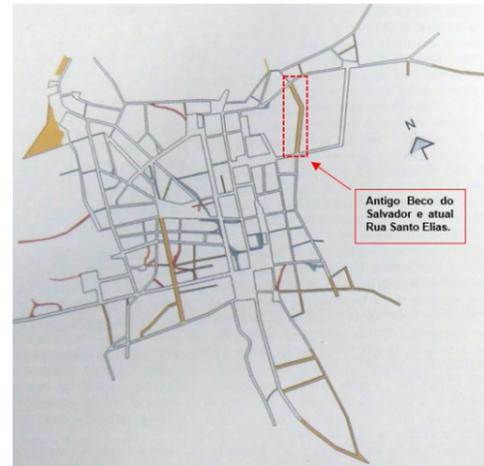
Em cada visita, além das fotografias tomaram-se anotações em um diário de bordo, que serviu como material análise para este trabalho, suscitando também as impressões dos pesquisadores quanto ao objeto de estudo.

O centro de João Pessoa e a rua Santo Elias

De caráter estritamente comercial nos dias atuais, o que lhe confere uma dinâmica bastante movimentada, a Rua Santo Elias é uma das principais vias de conexão entre o Parque Sólton de Lucena e o Shopping Tambiá. Com extensão aproximada de 300 metros e maioria dos lotes edificadas, estima-se que esta importante rua surgiu por volta de 1889, com o alargamento de um beco, intitulado Beco do Salvador⁶, o qual atravessava as terras que em 1858 faziam parte do Convento Carmelita⁷. Nesta época, a ocupação desta área era suburbana e de baixa renda. Somente, a partir do século XX, é que lhe foram conferidas características mais urbanas, com a abertura das ruas D. Pedro I e Santos Dumont. (Cf. TINEM, 2006, *apud* MEDEIROS, 1994).

Durante a pesquisa, não foram encontrados estudos que tratassem de modo específico sobre o início da atividade comercial neste logradouro. Apesar disso, a partir de pesquisas em jornais antigos, pertencentes ao acervo do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP), foram identificados registros de atividades comerciais no local desde 1985, com a inauguração da loja Primavera Tecidos⁸.

Figura 3: Antigo Beco do Salvador. Fonte: Walfredo Rodriguez, 1977. Figura 4: Cidade da Parahyba do Norte, transformações entre 1858-1889. Fonte: Nelci Tinem, 2006, p.262. Adaptado pelos autores.



Delimitação e caracterização do recorte espacial

Para a análise dos usos e apreensões do espaço, tomou-se como recorte um trecho de aproximadamente 200m da Rua Santo Elias, o qual é ilustrado no mapa a seguir. Apesar de sua delimitação pequena, as características evidenciadas por este recorte

6 Cf. Aguiar, 1992.

7 Cf. Tinem, 2006.

8 Cf. Histórico da empresa. Disponível em: <http://aprimavera.com.br/sobre>

mostraram-se suficientes à análise instaurada no trabalho, uma vez que, nele se observou uma predominância da atividade comercial, fluxo intenso de pessoas e ocupação das calçadas por parte de ambulantes e comerciantes informais.

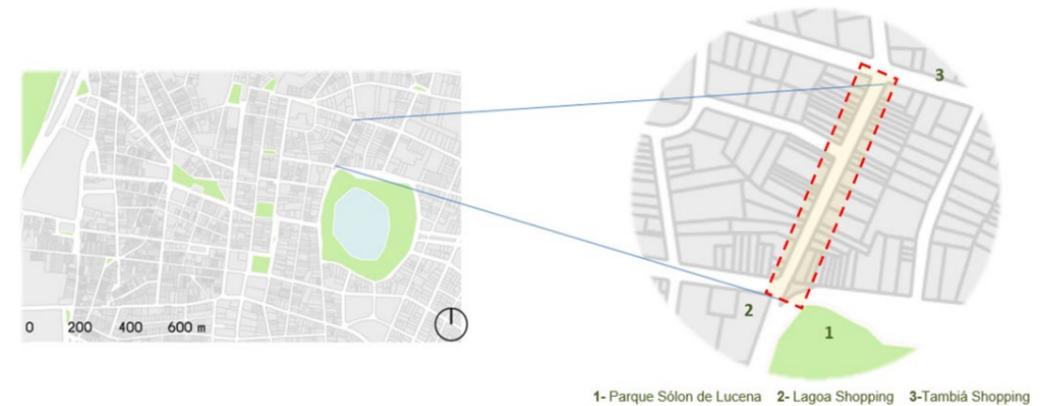


Figura 5: Delimitação do recorte espacial estudado. Fonte: dos autores, 2018.

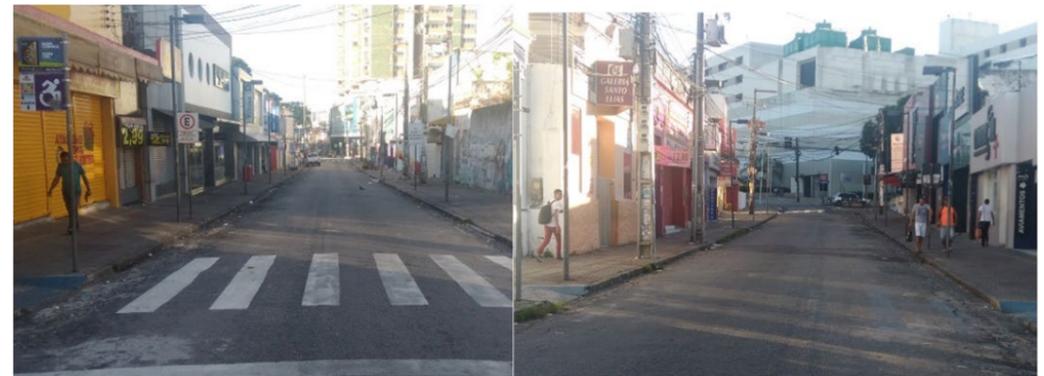


Figura 6 e 7: Trechos da Rua Santo Elias. Fonte: Alberto Araújo, em 18/04/18 às 6:20h.

Análise do espaço

No que diz respeito à atividade comercial e oferecimento de serviços diversos, o centro de João Pessoa é local de referência, nele, destaca-se como importante via de fluxo de carros e pessoas a Rua Santo Elias. Diariamente, muita gente caminha neste espaço. Seja apenas de passagem, com foco em alguma loja específica, em direção ao Shopping Tambiá ou ao Parque Sólton de Lucena. Em qualquer das circunstâncias, a rua se configura como local de conexão entre diferentes pontos de interesse.

Ao caminhar pela rua, em diferentes horários percebem-se diferentes dinâmicas de uso do espaço. Mesmo durante o horário comercial (entre 8:00 e 18:00 horas) o local apresenta certa dinâmica no que diz respeito à ocupação de determinados trechos, seja por carros, pedestres ou ambulantes.

O fluxo intenso de pessoas nem sempre é predominante. Observou-se, por meio das visitas, que ele se intensifica a partir das 12:00 horas, de modo que no período vespertino é maior o número de pessoas que frequentam esta rua. É importante ressaltar que tal fato não se aplica como regra, já que as visitas ocorreram apenas durante um período específico do ano.

Entende-se que a rua possui dois elementos: um de ordem espacial e física, o qual configura determinados territórios, e, outro de ordem social, que se relaciona às diferentes práticas e usos. Partindo desta reflexão e tomando o *locus* como objeto de

estudo, surgem duas indagações:

1ª Mesmo em uma rua com vocação comercial é possível perceber outros usos?

2ª Quais seriam esses microespaços e qual sua relação com o macroespaço urbano?

De acordo com Magnani (1984), as diferentes formas de apropriação de um espaço não são aleatórias nem resultado de escolhas individuais, tais práticas surgem como resultado de rotinas cotidianas de origem coletiva que regulam o trabalho, o lazer e, sobretudo, a convivência. Todas elas deixam suas marcas no mapa da cidade. Ainda de acordo com o autor, são nos “espaços intermediários”, entre o público e privado, que ocorrem as “experiências de rua”. Portanto, são a partir das diferentes experiências de rua que se podem obter respostas para as indagações suscitadas anteriormente.

Nos diferentes dias e horários que se percorreu a rua, percebeu-se que determinados pontos apresentam distintos usos. Por exemplo, na esquina, próxima ao Parque Sólon de Lucena, conforme a figura 4, existe um grande espaço vazio. Em alguns horários do dia ele praticamente não tem uso definido, já em outros momentos, há alguma atividade que possibilita a permanência de pessoas, como ocorre ao entardecer com a instalação de alguns pontos de venda de comida (lanches, espetinhos, entre outros produtos), conforme figura 5.

Partindo dessa simples dinâmica, percebem-se, no mesmo local, duas configurações: em alguns horários é um microespaço de passagem, em outros, é um microespaço de permanência.

De acordo com Lynch (1997, 16), “as imagens do meio ambiente são o resultado de um processo bilateral entre observador e o meio”. Através da observação, o espaço pode sugerir distinções e relações, com isso, “a imagem de uma dada realidade pode variar significativamente”.

Microespaço de passagem



Figura 8: Esquina da rua (tarde). Fonte: Fotografia registrada por Alberto Araujo, às 14h:20min, em 16/03/18.

Microespaço de permanência



Figura 9: Esquina da rua (noite). Fotografia registrada por Alberto Araujo em 25/03/18, às 18:20min.

Posicionando-se no mesmo microespaço que fora mencionado anteriormente — seja ele de passagem ou de permanência — através de diferentes ângulos podem ser percebidas diferentes relações entre as pessoas que caminham e o espaço urbano. No esquema a seguir, fica clara esta análise.



Figura 10: Análise do espaço a partir de pontos focais. Fonte: Elaborado pelos autores, 2018.

Percepções e apreensões

Conforme aponta Santos (1985), a rua dá lugar a muitas atividades, dentre elas, ao lugar de passagem, ao caminho que leva ao trabalho, ao lazer, ao culto. Em meio a tantas ocorrências existem também pequenos momentos que passam despercebidos, mas que se enquadram em uma lógica de uso do espaço. Em uma das visitas ao local pode-se perceber isso, conforme aponta o relato de uma das caminhadas de observação e análise feitas ao longo da pesquisa.

Desde cedo os ambulantes já começam a instalar seus pontos de venda, em especial, de gêneros alimentícios e lanches. Percebe-se que alguns funcionários já tomam café nas portas das lojas, enquanto esperam seu horário de serviço. Certamente, eles são os primeiros clientes dos ambulantes (Trecho extraído do diário de bordo, em visita feita na manhã de 10/04/2018).

Fluxos

Por ser um espaço de caráter coletivo, a rua também é um local de expressão de rupturas culturais e sociais. Nessa lógica, pode não haver respeito de regras impostas pelo sistema social e, conseqüentemente, subversões dos padrões de uso do local. Como por exemplo, na construção do percurso podem ser utilizados atalhos, serem feitos desvios, quando necessário evitar obstáculos, sejam físicos ou situações de insegurança. Assim, a construção dos percursos é adaptativa, de modo que quem caminha escolhe os espaços de acordo com seus objetivos. Na imagem a seguir, percebe-se claramente tal prática subversiva.



Figura 11: Análise de fluxos e práticas subversivas. Fonte: dos autores.

Compreensão do espaço urbano a partir das variáveis analisadas

Além das impressões obtidas ao longo das caminhadas de observação do local e entrevistas informais com ambulantes e lojistas, também se considerou pertinente efetuar a aplicação de questionário semiestruturado, para melhor compreender a opinião das pessoas em relação à percepção do espaço, enquanto caminhantes. Em três dias, não consecutivos, foram aplicados setenta questionários, todos no período vespertino.

Os questionários foram estruturados em seis pontos: 1- Perfil sociodemográfico (idade, gênero, local onde reside); 2- Percepção do espaço; 3- Frequência ao local e interesse; 4- Sensação de segurança; 5- Classificação de infraestrutura; 6- Indagação sobre a livre circulação de automóveis naquela rua.

É importante destacar que o objetivo da pesquisa não era o estudo da Caminhabilidade e sim a percepção do espaço. A partir do uso de questionários, nos quais a maioria das perguntas tinham caráter objetivo e centrado em poucos parâmetros, foi possível apreender diferentes impressões e traçar perfis de usuários recorrentes. Os dados obtidos, são apresentados a seguir.

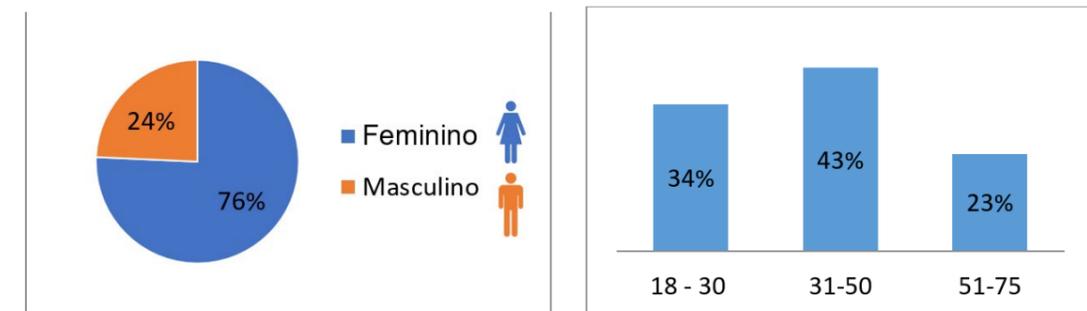


Gráfico 1: Resultado dos formulários, gênero. Fonte: Elaborado pelos autores.

Gráfico 2: Resultado dos formulários, idade. Fonte: Elaborado pelos autores.

Quanto ao perfil dos entrevistados, constatou-se uma maioria feminina. De modo que, dos setenta respondentes, apenas 17 eram do sexo masculino, o que corresponde a um percentual de 24%. Cabe destacar que tal ocorrência se deu em virtude de as mulheres serem mais receptivas a participarem da pesquisa. Certamente, por questões de interesse, o comércio naquela rua é mais voltado ao público feminino. Quanto à faixa etária, o público é bastante diversificado, conforme se observa no gráfico 2.

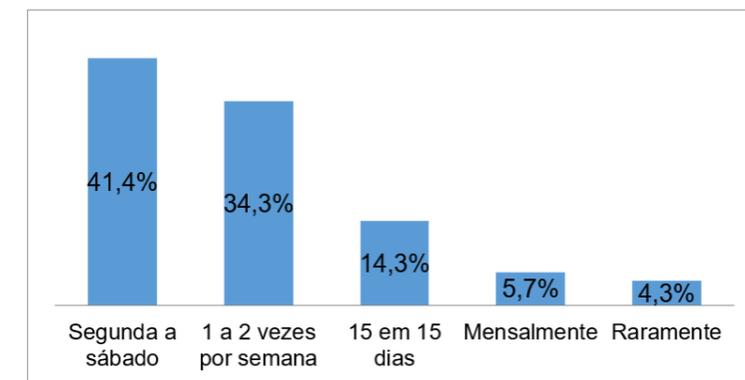


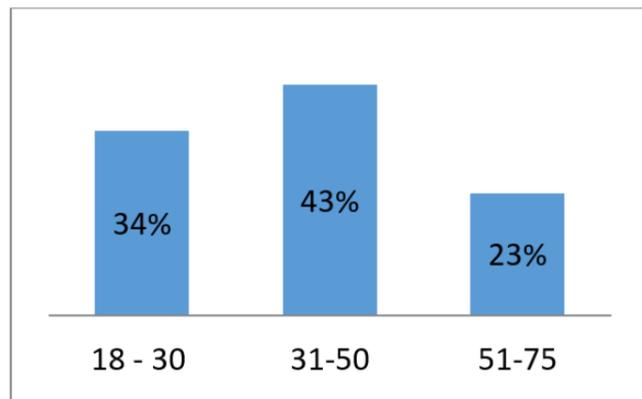
Gráfico 3: Frequência que os entrevistados utilizam o local. Elaborado pelos autores.

No que diz respeito à frequência de uso ao local, os dados obtidos apontam que boa parte das pessoas frequenta a rua ao menos uma ou duas vezes por semana (34,3% dos respondentes). Uma parcela maior frequenta ou percorre o espaço de segunda a sábado, certamente, por trabalharem ali mesmo ou em algum outro lugar nas imediações.

Mesmo sendo um local predominantemente comercial, é importante destacar que algumas pessoas também consideraram a rua como espaço de lazer, conforme aponta o gráfico 4, em que 29% dos respondentes também assinalaram esta opção.

Outro fator que merece destaque é a sensação de segurança. Cerca de 35 respondentes (50% dos entrevistados) afirmaram que se sentem inseguros no

Gráfico 4: Interesse. Elaborado pelos autores.



local. Entre os fatores que correspondem para sensação de segurança em alguns e insegurança em outros, está o grande fluxo de pessoas. Todos os que alegaram sensação de segurança colocaram como ponto principal o fato de a rua ser bastante movimentada. Já para outros, tal característica representa insegurança, pois “há muita gente estranha” (conforme aponta um dos entrevistados). A partir disso, pode-se refletir acerca da construção sociocultural e identitária dos indivíduos, de modo que, para alguns os ambulantes eram os que representavam tais pessoas estranhas.

Gráfico 5: Sensação de segurança. Fonte: Elaborado pelos autores.

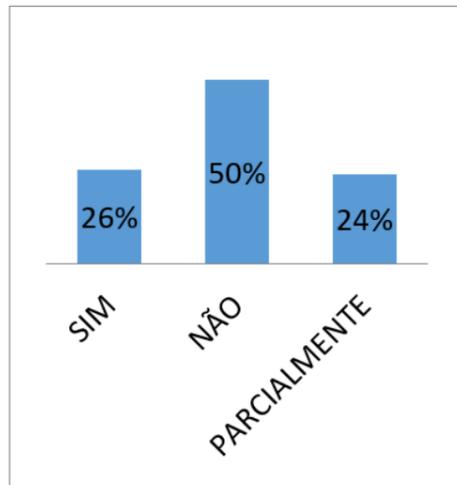
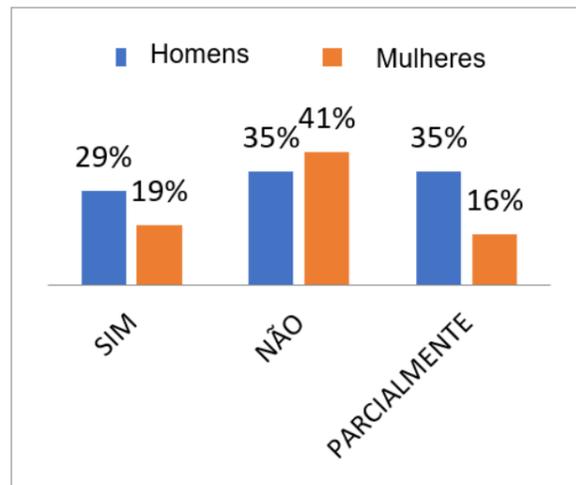


Gráfico 6: Sensação de segurança (H e M). Fonte: Elaborado pelos autores.



Ainda em relação à segurança merece destaque a distinção entre homens e mulheres. Separando as duas amostras, verifica-se que as mulheres são as que mais se sentem inseguras no local, conforme é apresentado no gráfico 6.

Sobre as condições de infraestrutura da rua, 43% dos respondentes classificaram-na como precária e 40% como regular. Acerca deste ponto é importante destacar que desde 2010, a prefeitura vem anunciando a implementação de melhorias nas ruas e calçadas do centro de João Pessoa. Dentre elas a Rua Santo Elias sempre é apontada como local em que ocorreram tais obras. De fato, há alguns anos a rua passou por um processo de reformas, com inserção de piso tátil, construção de rampas e sinalização. Apesar disso, a falta de manutenção ou ainda obras que ocorreram de maneira indevida acarretaram em vários problemas no local.

Outro ponto levantado pelos entrevistados, que pôde ser constatado em nossas visitas, diz respeito à precária iluminação do local. À noite, há vários trechos completamente escuros e que inviabilizam a circulação segura de pessoas.

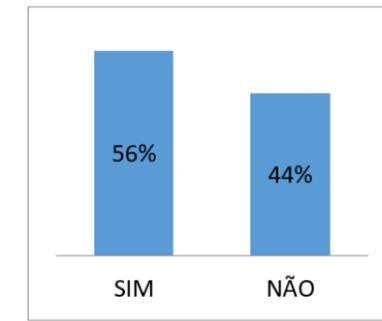
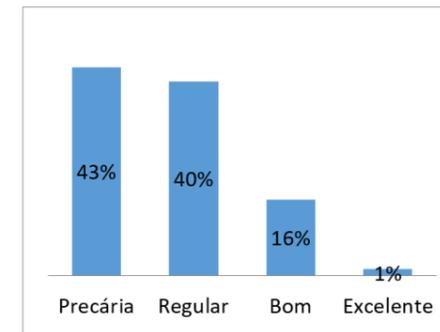


Gráfico 7: Classificação de infraestrutura da rua. Elaborada pelos autores.

Gráfico 8: Opinião favorável à livre circulação dos carros na rua. Elaborada pelos autores.

O último questionamento consistiu em verificar se as pessoas achavam que os carros que percorriam naquela rua interferiam de alguma maneira no uso do espaço. Tinha-se a intenção de obter algum panorama sobre uma possível proposta de pedestrianização da rua. No entanto, os resultados apontaram opiniões contrárias em um percentual próximo, considerando que pouco mais da metade (56%) concordou que os carros interferem no uso do espaço. Apesar de considerá-los como elemento de interferência, várias pessoas ainda se mostraram favoráveis à circulação de veículos no local. Acerca disso, um dos entrevistados, por exemplo, chegou a afirmar que *uma rua que não passa carros é uma rua morta*. Percebe-se então, questões de interesse pessoal, de modo que para os donos de loja os carros são necessários ali, já para a grande maioria dos ambulantes, não são, pois não compram suas mercadorias.

Em último momento, coloca-se a indagação suscitada inicialmente: como a rua é percebida? Por ser uma questão de caráter subjetivo, foi solicitado que as pessoas respondessem o que vinha em mente ao se falar em Rua Santo Elias. As respostas muitas vezes coincidiam, trazendo à tona uma memória popular fruto da vivência cotidiana e apreensões daquelas pessoas no local. Na imagem a seguir ilustra-se a principais respostas, destacando-as em cores e tamanhos distintos, de acordo com a intensidade e frequência em que foram mencionadas.



Figura 8: Diferentes percepções da rua pelos pedestres. Fonte: Elaborado pelos autores.

Considerações finais

Durante toda a pesquisa, buscou-se a percepção do espaço a partir de diferentes narrativas. Em alguns momentos, fez-se uso de abordagens mais subjetivas em outros foram considerados instrumentos mais técnicos, mas o que realmente importa é que o foco sempre foi o mesmo compreender a rua, enquanto recorte espacial repleto de multiplicidades, olhares, visões, usos e apreensões.

Os resultados obtidos ao longo desta pesquisa apontam que a Rua Santo Elias, de fato, destaca-se pelo caráter comercial em todos os aspectos. Talvez, esta tenha sido a vocação do lugar após a abertura do antigo Beco do Salvador, em uma das primeiras áreas a se desenvolver na cidade de João Pessoa, conforme fora apontado em um dos tópicos anteriores.

Tomando como cerne as pessoas e o espaço analisado, foram identificadas distintas narrativas. Para uns a rua representa o caos instaurado, a partir do intenso fluxo de pessoas e carros, para outras a rua é um local de uso cotidiano, muitas vezes passando despercebida a sua vitalidade, para outras ainda há um espaço que remete a cultura do medo, como é caso da sensação de insegurança de muitos dos entrevistados.

Nesta direção, na tentativa de responder à pergunta feita no início deste trabalho (como a Rua Santo Elias condiciona o ato de caminhar?), depreende-se a partir das impressões coletadas que a resposta mais adequada estaria relacionada a diferentes modos, pois são muitas as variáveis presentes no local. Desde as apropriações efêmeras ao uso pré-estabelecido de alguns espaços, há diversos condicionantes que motivam diferentes maneiras de caminhar: apenas passando pelo local, visitando lojas específicas, interagindo e parando em alguns trechos em virtude dos ambulantes ali presentes, evitando utilizar a rua em dias e horários não movimentados, por causa da insegurança e do medo, andando desconfiados em virtude de “pessoas estranhas” para uns e trabalhadoras para outros.

Por outro lado, tendo como base características morfológicas, sejam das edificações sejam do desenho urbano, percebe-se que a rua analisada apresenta grandes problemas: fachadas descaracterizadas, poluição visual, trechos que necessitam de manutenção por parte do poder público, calçadas insuficientes para quantidade de pessoas que circulam no local, obstrução de alguns trechos tanto pelos ambulantes como pelos lojistas, iluminação deficitária, entre outros. Acredita-se assim que tais multiplicidades afetam diretamente na dinâmica do local e seriam muitas as possibilidades de estudos, pertinentes ao campo da arquitetura e urbanismo, a partir do espaço em questão.

Referências bibliográficas

AGUIAR, Wellington. *Cidade de João Pessoa: a memória do tempo*. João Pessoa: Gráfica e Editora Persona, 1992.

AGIER, Michel. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

CARERI, Francesco. *Caminhar e parar*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

CARERI, Francesco. *Walkscapes, o caminhar como prática estética*. São Paulo: Gustavo Gili, 2016.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: 1 a arte de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

GOMES, Maria João Monteiro. *A cidade caminhada. A ambiência experienciada em duas visitas guiadas no centro histórico de Lisboa*. 2016. Tese (Doutoramento em Estudos Urbanos) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade

Nova de Lisboa, Lisboa, 2016. Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/20276>. Acesso em março 2018.

JACQUES, Paola Bereinstein. *Experiência errática*. Redobra, Salvador, n. 9, p. 192-204, 2012a.

JACQUES, Paola Bereinstein. *Elogio aos Errantes: a arte de se perder na cidade*. In: JEUDY, Henri Pierre, JACQUES, Paola Berenstein. *Corpos e cenários urbanos: territórios urbanos e políticas culturais*. Salvador: EDUFBA, PPG-AU/FAUFBA, 2006.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. Trad. J. L. Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MAGNANI, José Guilherme. *A rua e a evolução da sociabilidade*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

MAGNANI, José Guilherme. *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*. Revista Brasileira de Ciências Sociais v.17, N.49, São Paulo, junho 2002.

MAGNANI, José Guilherme. *Os pedaços da cidade*. São Paulo: USP, CNPq, 1991. (Relatório de Pesquisa).

MAGNANI, José Guilherme. *Rua, símbolo e suporte da experiência urbana*. Cadernos de História de São Paulo, São Paulo, v. 2, jan./dez. 1993.

MONTOYA URIARTE, Urpi. *Olhar a Cidade: Contribuições para a Etnografia dos Espaços Urbanos*. Ponto Urbe: Revista do Núcleo de Antropologia da USP. São Paulo: 2012

MOURA, A. S. *Trabalhar na rua: análise dos usos e apropriação do espaço por camelôs e ambulantes no bairro do Centro de João Pessoa-PB*. 2014. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Centro de Tecnologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

RODRIGUEZ, Walfredo. *Roteiro sentimental de uma cidade*. 2ª ed. João Pessoa: Conselho Estadual de Cultura-SEC/A União, 1994.

SANTOS, Carlos Nelson F. VOGEL, Arno. *Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro*. 3ª ed. São Paulo: Projeto, 1985.

SENETT, Richard. *Carne e pedra: o corpo e a cidade moderna na civilização ocidental*. Trad. Marcos Aarão Reis. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

TINEM, Nelci (org). *Fronteiras, Marcos e Sinais*. Leituras das Ruas de João Pessoa. João Pessoa: Editora da UFPB, 2006.

Centro de pesquisa sobre o espaço sonoro e o ambiente urbano (CRESSON). Disponível em: <http://aau.archi.fr/cresson/>. Acesso em: 10 abr. 2018.